

○ FIEL DEFUNTO

OBRAS DO AUTOR*

- O Testamento do Senhor Nepumoceno da Silva Araújo*, 1991
O Meu Poeta, 1992
A Ilha Fantástica, 1994
Os Dois Irmãos, 1995
Estórias Dentro de Casa, 1996
A Família Trago, 1998
Estórias Contadas, 1998
Dona Pura e os Camaradas de Abril, 1999
O Dia das Calças Roladas, 1999
As Memórias de Um Espírito, 2001
Cabo Verde, 2003
O Mar na Lajinha, 2004
Eva, 2006
A Morte do Ouvidor, 2010
Do Monte Cara Vê-se o Mundo, 2014
O Fiel Defunto, 2018

* As datas referem a 1.^a edição portuguesa, da Editorial Caminho

GERMANO ALMEIDA

Prémio Camões

O FIEL DEFUNTO

Romance

2.ª edição

CAMINHO

Título: O Fiel Defunto
Autor: Germano Almeida
© Germano Almeida e Editorial Caminho, 2018
Capa: Rui Garrido

1.ª edição: maio de 2018
2.ª edição: junho de 2018
Pré-impressão: LeYa
Impressão e acabamento: Multitipo
Tiragem: 500 exemplares
Depósito legal n.º 439 271/18
ISBN: 978-972-21-2928-2

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo
com a legislação em vigor.

I

Toda a gente foi apanhada de surpresa, pelo que ninguém tentou impedir o inesperado assassinato do mais conhecido e traduzido escritor das ilhas, breves momentos antes do início da cerimónia de apresentação do que acabou por ser a sua última obra. E, no entanto, nesse dia o vasto auditório transbordava de uma festiva multidão de fãs e outros curiosos, todos impacientes ante a expectativa de ter um autógrafo no já muito badalado livro que se preparavam para adquirir. De modo que a ninguém terá passado pela cabeça que um evento daquela natureza, sempre aguardado com geral e grande ansiedade, poderia vir a ter um desfecho tão inesperado quanto brutal, especialmente tendo em conta a qualidade das pessoas envolvidas na tragédia.

Por sinal, nessa tarde tinham-se juntado mais convidados e estranhos do que era habitual nos lançamentos de livros em Mindelo, embora de certa forma houvesse razões que justificavam essa rela-

tiva enchente. Em primeiro lugar havia já uma boa meia dúzia de anos que o inventivo escritor, sempre prolixo, tinha repentinamente deixado de publicar, e os seus leitores, que começaram por aceitar um período que consideraram sabático, depressa principiaram a reclamar sem fazer grandes cerimónias, questionando-o diretamente e às vezes até com indisfarçável azedume, como se ele fosse um amanuense pago pelo Estado, portanto com obrigações perante o público, e tivesse deixado de cumprir os seus deveres. Mas que andas tu a fazer que não escreves? Arranjaste algum trabalho que te dá mais rendimento? Por acaso ganhaste a lotaria ou o euro-milhões? Não ando a fazer nada, respondia sorrindo trocista, melhor, ando a divertir-me. Mas divertes-te com o quê, insistiam, porque ele sempre tinha dito que escrever era um simples divertimento, uma forma de passar o tempo sem estar desocupado mas que não entrava na categoria de trabalho a sério, tanto mais que era uma atividade dolorosamente mal remunerada. De modo que as pessoas não se davam por satisfeitas com as suas vagas explicações, Mas deves estar a fazer alguma coisa para assim te divertires durante tanto tempo, insistiam. Sim, respondia galhofeiro, ouço música, navego na internet, espreito o facebook, onde aprendo muito sobre as pessoas em geral e as pequenas vaidades que lhes encham a alma, leio livros, falo com amigos, faço má-língua, digo mal das criaturas de quem não gosto, cuido das plantas do meu jardim que nunca

estiveram tão bonitas de tão bem tratadas, enfim, um enorme rol de ocupações que me preenchem os dias que gostaria que tivessem 48 em vez de apenas 24 horas. Mas consegues ficar tanto tempo sem fazer nada, isto é, sem escrever, admiravam-se os inconformados, vocês escritores não dizem que escrever transforma-se em vício, tal qual como o uso de uma droga? Se isso é verdade, só prova que ou eu sou imune aos vícios ou não me deixo vencer por nenhum, respondia, e tanto é certo que consigo viver sem escrever, que estou nesta boa vida há que tempos e não tenho vontade nenhuma de pegar no teclado, eu só escrevo quando tenho alguma coisa para contar, e nestes últimos tempos não só não tenho tido absolutamente nada para dizer como também não me tem apetecido dizer coisa alguma, o que o meu corpo e o meu espírito andam a pedir-me é caminhar devagarinho até à encosta de João Ribeiro, sentar-me numa pedra debruçado sobre o mar com uma cana de pesca na mão e deixar correr o tempo sem sequer desejar apanhar um peixe para não ter a maçada de o transportar para casa.

Essa postura tinha durado alguns anos, durante os quais as pessoas o viam deambulando pela ilha, banhos de mar na Baía das Gatas ou no Calhau ou Saragaça, uma ou outra ida a Salamansa em busca de moreia frita, longos passeios pelo Monte Verde onde se sentava numa pedra consumindo os livros que se tinham acumulado em casa durante os anos do seu frenesim da escrita, enquanto acom-

panhava o sol descendo vagaroso para se esconder atrás do Monte Cara. Não poucas vezes encontrava por aqueles lados o compositor das ilhas, por todos conhecido como o Maestro, com quem mantinha infundáveis mas sempre inconclusivas conversas acerca da doutrina budista de que aquele se dizia seguidor convicto, ou então paravam sobre o cosmos, que nele não provocava qualquer emoção, enquanto para o Maestro era fonte de grandes especulações poético-filosóficas: Como não maravilhar-se com a infinita grandeza do universo onde nós somos um simples e insignificante cagagésimo, dizia ele. Nas noites sem lua gosto de me deitar na areia da praia e de lá contemplar o céu, sonhar com as constelações, segui-las no seu percurso infindo... Porém, o ex-escritor recusou sempre o convite de ficarem os dois deitados na areia a ouvir o suave marulho do mar e a examinar o céu: e se entretanto um bicho qualquer, fosse de terra, fosse vindo do mar, uma barata, uma lagartixa, um caranguejo, ou mesmo um rato, resolvesse atacá-los com uma mordidela? O Maestro replicava que a eventualidade desses pequenos contratempos era vastamente compensada pelo prazer único de acompanhar o suave andamento das estrelas num céu pejado de corpos infinitamente grandes e tão distantes de nós que nos apareciam como simples pontos luminosos num universo cuja grandeza melhor evidenciava a nossa pequenez. Não me convence, replicava o ex-escritor, por mais voltas

que dê, o homem, nós, continuamos a ser o centro do universo, o princípio e o fim, o alfa e o ómega de todas as coisas... Depois de duas ou três tentativas falhadas de subir o Monte Cara pelo lado sul, tinha acabado por reconhecer que a idade não perdoa, devia ter-se lembrado disso ainda durante a juventude, optava presentemente e na maior parte das vezes por simplesmente ficar sentado no para-peito da Lajinha com uma cana de pesca dentro do mar a que nem sequer tinha colocado um isco para não provocar tentações em algum peixinho mais faminto. É claro que passados tantos anos as pessoas começaram a esquecer-se dele como escritor, entrou na reforma, diziam dele, trocistas, é o destino de todos os artistas cabo-verdianos, mal ganham um pouco de fama entram logo na preguiça dormindo à sombra da bananeira, não tiram companheiros de bordeira, e é por isso que não temos nenhum grande artista, nenhum grande escritor mundialmente conhecido e respeitado... De forma que tinha sido um completo alvoroço na ilha e no país quando se espalhou a notícia de que brevemente o grande escritor Miguel Lopes Macieira, autor de numerosos e celebrados romances nacionais, daria à estampa uma nova obra literária, seguramente uma novela, admitia-se, mas de qualquer forma mais uma narrativa tendo certamente como pano de fundo, como é seu hábito, uma das nossas amadas ilhas que ele tanto se tem esforçado por dar a conhecer ao mundo.

A rádio nacional deu a notícia com grande destaque e ao som do *Regresso ao Paraíso*, de Vangelis, convidando os mindelenses em geral, essa gente desde sempre tão ligada a todos os temas da cultura, de tal modo que não era por acaso que Mindelo era historicamente tida como a capital cultural de Cabo Verde – a participar massivamente no evento, como forma de mostrar ao preguiçoso escritor como ele era amado e desejado. E a televisão retomou o assunto numa hora nobre, com uma breve crónica de um dos seus comentadores, fazendo questão de ouvir quer telespectadores, apanhados ao acaso no meio do povo, quer pessoas das camadas mais intelectualizadas e por isso mesmo mais eventuais compradores de livros, tendo todos eles tecido os maiores encómios ao ilustre escritor que com as suas obras muito enaltecia e honrava o país. Embora mereça ser dito que foi o inefável facebook, que era ainda incipiente quando ele tinha deixado de escrever mas era agora uma força opinativa de grande pressão na sociedade, a desempenhar maior e melhor papel na divulgação da notícia, passando-a, não se dirá de boca em boca, porém de *post* em *post* até para a diáspora dos países mais longínquos. Isso tudo sem contar com o atraente volante concebido a partir da capa do livro no qual «todos são convidados a participar no lançamento do mais aguardado livro do nosso consagrado escritor, Lopes Macieira, a ter lugar no auditório Onésimo Silveira da Universidade

do Mindelo. A apresentação da obra estará mais uma vez a cargo do já famoso professor da Universidade de Cabo Verde, Dr. Jesus de Brito-Macieira, primo direito do autor e especialista na sua obra, e que deixará os seus muitos afazeres na cidade da Praia, propositadamente com a finalidade de voltar a prestigiar esse parente amigo e abrilhantar com as suas nobres palavras este momento municipal que é, afinal, quase nacional.

E de facto, o «famoso professor» tinha sido expressamente convocado, não propriamente por ser um erudito da obra de Lopes Macieira, como a comunicação social tinha noticiado, tanto mais que a sua especialidade era a macrobiologia marítima que há anos ensinava na UNI-CV, mas antes por ser parente do autor e ter estudado e aprendido a arte da oratória no seminário de S. José, que abandonou quase nas vésperas de ser ordenado padre, quando descobriu que tinha mais vocação para os folguedos mundanos, que em privado chamava abertamente de «dedicação à putaria», do que propriamente para a castidade ou abstinência sexual. Mas afora esse pequeno senão, ele era na realidade uma pessoa que falava muito bem, com grande fluência de palavras bonitas, com longas pausas entre as frases que sublinhava com largos e expressivos gestos, como que a deixar os ouvintes saborear e depois assimilar com calma as suas palavras sempre belas, mas sobretudo com grande riqueza de imagens que normalmente ia buscar à Bíblia, livro cujo conteúdo

ele dominava com muita largueza, sobretudo pelo facto de ser senhor de uma invejável memória. As palavras têm cor, têm vida, dizia, extasiado, até há já quem sinta sabor nas palavras, odores subtis capazes de nos embebedar com seus múltiplos eflúvios. Temos, pois, que as amar, não as usar levemente para que também se sintam orgulhosas de nós e do nosso afeto. Era sabido que ele nunca falava do livro que era chamado a apresentar, melhor, nunca falava do conteúdo do livro, antes preferindo discorrer sobre aquilo que o livro poderia ter dito se o escritor tivesse encarado o seu assunto numa perspectiva diferente. «Estarei a menosprezar a obra em apreço», perguntava algumas vezes, e ele mesmo respondia que não, certamente não, de forma alguma, este é um romance de elevadíssimo mérito literário porque espelha e espalha com clareza meridiana, diria mesmo, com grandiloquência de sábio, o que há de mais intrínseco e íntimo na alma cultural caboverdiana, e somos realmente um povo abençoado por termos dado à luz, nesta terra seca, castigada pela natureza e onde todos os dias os homens a enfrentam com renovado vigor sem nunca aceitarem a ideia da derrota — escritores deste timbre e envergadura internacional que, parafraseando Salomão e o seu imorredouro salmo 23, nos leva a pastar em verdes prados e nos guia mansamente às águas tranquilas da imortalidade.

Era assim grandiloquente o professor Brito-Macieira que tinha chegado da Praia no dia ante-

rior porque, sendo embora badio de nascimento, natural da vila dos Picos, depois de deixar o seminário tinha vindo residir em S. Vicente, com o objetivo de estudar o antigo terceiro ciclo liceal. E acabou ficando com uma tão grande paixão (paixão assolapada, ria-se) pela cidade do Mindelo, onde praticamente tinha desabrochado para a vida, «conhecido e atraído pelas diferentes e mui deliciosas formas de pecado», como costumava dizer eufemisticamente, que nunca perdia uma oportunidade de a visitar, rever os lugares onde tinha sido feliz num tempo em que a felicidade se resumia a pouco estudar e muito andar atrás de saias, encontrar uma ou outra antiga namorada, sobretudo a sua inesquecida Lininha, uns dez anos mais velha e também largamente experiente e que alegremente o tinha lançado na vida de fornicção sob todas as suas formas e posições, beber a sempre deliciosa água do Madeiral que mandava ou ia pessoalmente buscar na própria nascente, visitar a rua de Praia e o mercado de peixe, nostalgicamente parar junto ao antigo caizinho de cujo passado repugnante só restava o penetrante cheiro a esgoto, entrar no mercado das verduras e regatear os preços com as vendedeiras. Depois subia a rua de Matijim espreitando em cada botequim e entrando por breves momentos naqueles onde ainda encontrava conhecidos de antigamente. Já não se atrevia a experimentar um grogue, mas dizia que lhe fazia falta repetir essas andanças para de novo se apropriar da cidade que a pouco

e pouco lhe fugia na azáfama da vida na capital, mas que queria manter eterna em si próprio porque tinha sido onde aprendera que havia outra vida, melhor, uma vida real que valia a pena ser vivida e apenas existia fora da igreja e das rezas e das missas. Tendo abandonado o seminário em total ignorância do que eram as safadezas do mundo, tinha chegado a S. Vicente em estado de completa virgindade e ingenuidade. Basta dizer que até aos 20 anos nunca tinha beijado uma mulher, quanto mais fazer outras coisas. De modo que a Lininha tinha pacientemente começado por ensinar-lhe a arte de beijar, em aulas de brincadeira que tinham durado semanas e semanas de treino, antes de avançarem para assuntos mais íntimos e delicados. Um homem que não sabe beijar não inspira nenhuma confiança a uma mulher, dizia-lhe, o beijo na boca tem que ter vida, tem que fazer mexer uma criatura, ela não pode ficar como se estivesse morta, antes pelo contrário, ela tem que sentir o coração a dar pulos, o seu meio-de-perna a chorar por macho.

Assim, sempre que se deslocava a Mindelo, o que na verdade não acontecia com muita frequência, tinha a preocupação de visitar a Lininha na sua casinha no Monte, saber como ela estava de saúde e dar dois dedos de conversa em nome dos tempos de antigamente. Ela recebia-o sempre com alegre alvoroço, És dos poucos que ficaram importantes e não se esqueceram dos amigos antigos, dizia, a gente de agora não presta, não ligam às pessoas. Amigo é

coisa séria, ria-se Maica, que agora se identificava como Brito-Macieira, e amigos como tu a gente não encontra todos os dias, sei que nunca vou esquecer-me de ti, devo-te tudo que sou ainda hoje como homem-macho. Sim, dizia ela, divertimo-nos muito e sabe, lembro-me sempre desses tempos com saudades, ainda há dias lembrava-me daquela vez que quase quebrávamos a cama da D. Gigi. Mas que te traz por cá desta vez? Vim apresentar um livro do nosso escritor meu primo, claro que conheces. E quem não conhece? Como escritor e como malandrão, lembra-te de que fui empregada na casa dele durante uns meses, tem fama de gostar de conquistar mulheres casadas, honra seja feita nunca vi nada durante o tempo que ali trabalhei, mas da fama não se livra, isto é, da má fama, toda a gente diz que um dia qualquer leva um tiro ou uma facada. Má-língua desta terra, defendeu Brito, ele até diz que já não usa destas coisas, mas, por exemplo, alguma vez se meteu contigo? Não, nunca, respondeu Lininha, honra seja feita, sempre me tratou com respeito e amizade. Estás a ver, exclamou Maica, as pessoas inventam coisas. Queres ir ouvir-me falar do livro dele? Se eu fosse contigo ele era bem capaz de não me reconhecer, riu-se Lininha, teria que lhe dizer, Hei, camarada, já não se lembra de mim, tanto que lhe aturei as borracheiras!, mas diz-me tu em nome dos tempos de antigamente, ainda continuas a dar umas cambalhotas? Sabia pelo próprio que Brito-Macieira tinha-se casado e divorciado depois de

poucos anos e nenhum filho, e nunca mais tivera mulher oficial ou permanente. Uma ou outra vez sim, respondeu Brito, ainda estou a sentir o meu corpo, o meu companheiro, portanto quando calha aproveito. E tu, também ainda dás umas curvas? Lininha ria-se, nostálgica, Já não, respondeu, se fosse homem diria que já não estou a apanhar praia, mas também não tenho saudades, no meu tempo aproveitei e bem a vida, tu és minha testemunha, mas já não me vejo a sacudir o corpo debaixo de um homem. Nem debaixo de mim, provocou-lhe Maica, já não sabes fazer como palombeta na frigideira? Tu agora és meu irmão! Mas ao menos continuas a fazer aquele café maravilhoso! Isso sim, riu-se ela, vou parar-te um cafezinho, sabes, eu continuo a gostar de café de bule, torrado em frigideira em casa, moído e parado em água a ferver e posto a assentar mas para poder ficar com um bocadinho de borra. Sentavam-se para beber o café enquanto Lininha desfiava recordações dos seus tempos de boa vida. Dependente do tempo de que dispunha assim Brito ficava a ouvir a Lininha, mas sempre olhando o relógio, não concebia a ideia de se atrasar em qualquer evento. Era de uma pontualidade ansiosa mais que rigorosa, dos poucos bons hábitos que conservava do seminário, um atraso, qualquer atraso não justificado, significa, mais que falta de respeito para com o outro, antes falta de respeito para contigo próprio, temos que combater esse pernicioso hábito nacional que deve ser um dos prin-

cipais focos do nosso atraso no ranking mundial, dizia, enfático, de modo que tinha deixado a Liniha com larga margem de tempo, tinha passado pelo hotel para comer qualquer coisa e mudar de roupa, pelo que na hora do crime de há muito ele já se encontrava no auditório, de fato completo, gravata e colete, considerava que a solenidade de atos dessa natureza justificava tirar a mortalha do armário e deixá-la apanhar um pouco de ar fresco, ao menos não ficava ali a mofar até chegar a sua hora de ir para debaixo da terra.

Falador inveterado, no momento tentava explicar a um pequeno grupo, que acabara por se formar à sua volta enquanto se aguardava a chegada do escritor para se dar início à sessão, o que admitia ser a razão do estranho título do livro. *O Último Mugido* pode significar muita coisa ou mesmo coisa nenhuma e verdadeiramente ninguém sabe a razão desse título misterioso, para não dizer provocador, dizia solene, nem a mim ele o quis revelar, não obstante os meus insistentes pedidos nesse sentido, quer como primo de sangue quer como fiel apresentador do livro. Aliás, a primeira coisa que fiz ontem depois de desembarcar foi dirigir-me à casa dele, mesmo antes de chegar ao hotel que a editora me tinha reservado. Recebeu-me muito bem, como sempre, diga-se a verdade, ofereceu-me um copo de um delicioso vinho branco que disse da África do Sul, ele mesmo preparou uns petiscos quando viu que eu tinha fome, falou de trivialidades enquanto

remexia na frigideira, estava aliás bastante alegre e brincalhão, mas não se descoseu minimamente sobre esse famigerado título por nada deste mundo. O título de um livro é apenas isso, um título, disse ele rindo, diz-me tu, perguntou-me, que relação existe entre uma criança que nasce e a quem dás um certo nome e o homem que ele vai ser no futuro? Essas são as palavras dele, prosseguiu o professor, mas pessoalmente continuo a achar que nós, os seus leitores, aqui fielmente presentes e em grande número, como se está a ver, temos o direito de saber a razão de um título tão avesso aos títulos a que nos habituou ao longo da sua carreira literária. Porém, ele está de um secretismo exasperante, parece uma criança a guardar um esconderijo, e mesmo quando perguntado, na entrevista que ainda esta manhã deu à RNCV, a razão de um título que mais parece uma homenagem a um armento a despedir-se de uma pastagem (armento, substantivo coletivo para gado vacum, explicou vendo o ar de espanto dos presentes), sentiu-se que sorria quando acabou por dizer que talvez não ele, mas alguém em particular haverá de ler o livro e muito provavelmente explicá-lo ao público. Mas de qualquer modo, continuou o professor, perante a insistência da jornalista, «por favor, dê-nos só um cheirinho!», ele prometeu que durante a apresentação da obra deixará escapar algumas breves confidências, sobretudo com o objetivo de mais despertar a curiosidade dos leitores, esperemos que não seja para não os confundir ainda mais.

Esses artistas são todos uns tontos, comentou um dos ouvintes do professor, seja futebolista, poeta, músico ou outra porcaria qualquer, todos julgam ter nascido com rei na barriga, agora a fita de não explicar o título do livro!, se calhar nem ele mesmo sabe, veio-lhe a frase à cabeça e pegou nela à falta de coisa melhor.

Mas era evidente que o escritor estava a usar e abusar da sua fama no meio social. Nascido em S. Vicente, filho de um funcionário administrativo e mãe doméstica, tinha por isso crescido mudando de ilha em ilha conforme o pai era transferido pelas diversas parcelas do arquipélago e assim adquirido uma vivência das mesmas de cuja importância só viria a dar-se conta quando começou a escrever, porque tinha-lhe permitido apreender a idiossincrasia de cada ilha e das suas gentes. E de facto era sem dúvida o escritor mais prolixo e mais lido da terra, e nem ele saberia assim de repente dizer exatamente quantos livros tinha publicado. Já ia em algumas dezenas e bazofiava para quem quisesse ouvi-lo que se lhe desse na tola poderia escrever e publicar um livro de três em três meses, talvez até mesmo um livro de mês a mês. As matérias estão por cá espalhadas e aos pontapés de quem tem ouvidos, dizia a rir, melhor, andam no ar à disposição dos neurónios de cada qual, cada cabo-verdiano tem em si, como que fechado num cofre, pelo menos dez ou mesmo vinte romances, contos então para quê falar, é só saber como lhes abrir o espírito. Muito ao

contrário do que dizem, as pessoas adoram pensar que estão nos livros, imaginarem-se celebridades, tal personagem sou eu, gostam de dizer, isso dá-lhes importância aos seus próprios olhos, pelo que de cada vez que te contam uma estória é sempre na secreta esperança de um dia ver o assunto nalgum dos teus livros, a nossa vaidade não tem limites mesmo quando fingimos sermos as pessoas mais humildes e desprezadas do mundo.

Faltava ainda algum tempo para a hora marcada para o início da sessão e no entanto a sala já estava praticamente cheia. É certo que nem todos compravam livros, mas a verdade é que eles se vendiam com largueza, todos os presentes folheando-os, lendo passagens aqui e acolá, rindo do que liam ou comentando com alguém ao lado, enquanto aguardavam a hora de ouvir o professor discorrer com profundidade sobre algum tema que o livro lhe tivesse inspirado e a seguir apertar a mão do grande escritor de que todos, secreta ou publicamente, se orgulhavam por ter sido o primeiro a levar bem longe o nome de Cabo Verde e do seu povo através de traduções em muitos países do mundo. E a grande maravilha de que todos se admiravam era o facto de, na sessão de autógrafos que se seguia à apresentação de qualquer livro, ele nunca perguntar o nome de ninguém, conhecia todas as pessoas pelos respetivos nomes e apelidos, ao contrário da generalidade dos autores que se queixavam de ter «brancas» de memória que lhes faziam não lembrar

sequer dos nomes dos seus familiares mais próximos. Ele não, ele levantava os olhos e via a pessoa e sorria cordial, há muito que não nos vemos, meu caro Teófilo, tens passado bem?, e escrevia palavras de amizade e carinho para cada leitor em particular, «ao meu grande amigo João Silva, mais este gesto da nossa amizade que muito me encanta», «ao meu querido Manuel José com a força que nos une nesta breve imortalidade dos livros»...

Mas isso não era nada, comparado com o seu encantamento quando eram mulheres a solicitar autógrafo. Nesses momentos ele se excedia completamente em euforia, charme e piropos. É que o meu mundo é todo feminino, costumava dizer como que a justificar-se, eu devia ter nascido feminino, mais uma deusa etérea neste nosso Olimpo de mulheres belas, porque é no meio delas que me sinto como que flutuando no paraíso. «Os olhos maravilhosos da Arlinda Maria valem muito mais que toda a poesia do mundo reunida numa pétala» – escrevia; ou «um poema aos lábios de tâmara passada da encantadora Celeste da Graça», coisas assim que deliciavam as senhoras e lhe saíam espontaneamente apenas olhando a cara das pessoas à sua frente, e por isso as suas sessões de autógrafos consumiam horas e mais horas com as pessoas em fila aguardando, mas ele nunca se importava e nunca tinha pressa e às vezes até chegava a fazer pequenos mas sugestivos desenhos a iniciar os autógrafos. Se as pessoas não se cansam

de mim, como posso eu cansar-me delas, repetia com frequência.

De modo que nesse dia, depois de duas entrevistas a não falar do livro que ia ser lançado, tinha-se fechado em casa em concentração, pelo que tinha desligado todos os telefones e até o computador. Queria passar pelo menos três horas sentado no chão sobre as pernas dobradas, a sós no vazio do cérebro, por forma a ele estar completamente vago e livre para as pessoas que adoravam aqueles momentos de convívio e lazer. Ele dizia praticar a meditação como meio de tranquilizar a mente e relaxar o corpo e para isso usava diversos métodos, sendo que o que lhe dava mais energia era aquele em que se deitava de costas no chão completamente nu sobre uma enorme toalha turca azul, sob um mecanismo por ele mesmo concebido em que uma gota d'água lhe caía de tempos a tempos, mas sempre aleatoriamente, às vezes sobre o peito, outras vezes sobre a cabeça, outras ainda justo no umbigo, de modo a espantá-lo de cada vez e obrigando-o a concentrar-se em si. O repouso profundo que duas horas de meditação me proporcionam dão-me para aguentar até dez horas de turbulência no meio das pessoas, dizia, falar com cada um dos presentes, sorrir, dizer chalaças, posar com elas para fotografias...

No entanto, para esse dia o método escolhido não deve ter sido o ideal porque, em vez de meditar, deixar a mente escorrer e escorregar até entrar em transe e conseqüente repouso profundo como era

seu desejo e o que estava a precisar, simplesmente deixou-se adormecer naquela posição absurda, como se fosse uma estátua construída de joelhos sentada sobre as pernas, para acordar horas depois no meio de um sonho horrível em que praticamente à entrada do anfiteatro onde ia ser lançado o livro era atingido no peito por dois tiros de pistola desfechados à queima-roupa pelo seu maior e mais íntimo amigo.

II

A cena tinha sido tão real que, já acordado, ficou um grande tempo a olhar e a apalpar a pele junto ao coração onde agora via uma camisa branca que não tinha vestido, em busca dos buracos das balas ou os restos ou vestígios de pólvora e sangue. Fodas, disse em voz alta esforçando-se por se levantar porque tinha as pernas dormentes e já com formigueiro devido à posição, com esta é que não contava. Deu algumas passadas pela sala para desentorpecer: Pagava para ver o Ed matar-me, sorriu para si próprio, gostaria de saber como justificaria o facto, quer perante as pessoas em geral quer perante o tribunal. Andou um pouco pelo aposento, parou junto à janela a ver a rua deserta àquela hora da tarde, nem viva alma para amostra, e nem se poderia dizer que o sol castigava excessivamente porque estava um tempo sereno, uma suave aragem correndo como que numa carícia na pele. Desceu os olhos para o jardim e namorou as suas plantas que tanto trabalho e prazer lhe proporcionavam, primeiro numa luta sem

tréguas contra as pragas que tudo queriam dizimar e reduzir a cinzas, depois em vê-las vitoriosas e floridas e como que sorrindo alegremente à vida. Mas com isso tudo tinha-se distraído e aproximava-se a hora do encontro e então apressou-se a dirigir-se à casa de banho.

De há muito que vivia praticamente sozinho, desde que a Mariza, sua companheira dos anos de escritor, decidira ir de férias aos Estados Unidos onde tinha familiares e nunca mais regressara. Ele e a Mariza tinham-se conhecido numa festa num ano em que se encontravam de férias em S. Vicente, dançando algumas vezes, rido do exagerado entusiasmo que as pessoas manifestavam pelo facto de ser fim do ano, riram-se das muitas mulheres enchouriçadas nos vestidos apertados, e quando deram conta de que não era possível conversar dentro da sala, resolveram sair para tomar um pouco de ar na rua, ambos de acordo em que já não tinham idade para tantas horas seguidas de paródia. Calhou irem andando até pelos lados da praia da Lajinha, conversaram longamente, ela declarou-se formada em Línguas e Literatura, professora num liceu perto de Lisboa, solteira por vocação ou pelo menos por decisão, até àquela altura ainda não se sentira atraída pela ideia de viver com alguém, certamente um homem, claro, dentro de uma mesma casa. Nascida no Mindelo, pequena burguesia tradicional, católica vizinha da igreja de Nossa Senhora da Luz e portanto quase beata, mais por obrigação que

por devoção, porque os pais impunham o dever de frequentar a igreja (a mãe, então, comungava quase diariamente, só falhava em certos dias da semana em que declarava precisar regressar ao segredo da confissão), tinha ido estudar em Lisboa, onde, entre outras coisas, abandonara a igreja, que trocou por livros, cinema, algumas festas, convívios, namorados, enfim por uma vida muito diferente da que tinha vivido por cá. Tinha vindo de férias uma única vez, logo no fim do primeiro ano. Ficou admirada com o facto de os pais quererem continuar a tratá-la com os rigores de antigamente, chegar em casa a horas certas, nunca passar da meia-noite, não frequentar certos ambientes... Mas vocês esquecem-se de que vivi um ano inteiro sozinha no estrangeiro, vocês não sabem nem têm formas de saber a que horas entrei ou saí de casa, com quem estive ou não, o que fiz ou deixei de fazer, por favor deixem-me tomar conta da minha cabeça, tenho educação suficiente para saber o que quero e o que faço. Mas os pais eram irredutíveis, de modo que não voltou mais vezes de férias, preferiu conhecer outros lugares, e depois do curso arranjava trabalho como professora. Não que tivesse sido sua intenção nunca mais regressar, disse, porém ia sempre adiando, queria criar condições para não ter de viver muito tempo em casa dos pais. Mas entretanto deu-se o 25 de Abril, a independência de Cabo Verde de que o pai não tinha gostado nada, ele mesmo acabara uns anos depois embarcando para a Metrópole, portu-

guês de lei como sempre se afirmara. Ela ainda teve uma pequena dúvida quando se pôs a questão da escolha de nacionalidade, mas optou por ser pragmática, se ia continuar em Portugal, ainda o melhor a fazer era ficar portuguesa. *Et voilà*, teve a minha autobiografia resumida. Estamos a trocar cartões-de-visita virtuais, riu-se ele, e para não desvirtuar de si, também sou solteiro, mas mais por falta de oportunidade que por vocação, disse. Ainda vivia em Lisboa, mas estava sonhando regressar à terra e aqui instalar-se definitivamente, queria ser escritor, tinha dezenas de livros na cabeça que queria pôr no papel, mas para isso iria precisar de muita paz e tranquilidade, coisas a que não poderia aspirar na turbulenta vida lisboeta. Mariza concordou, mas disse rindo que ele nunca poderia encontrar a paz sozinho, todos sabiam que atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher porque é ela que organiza e garante a paz doméstica necessária para um grande homem poder se dedicar à sua missão. E por acaso estaria disponível para se candidatar a esse lugar, perguntou ele, sério. Quem sabe as voltas que a vida dá, respondeu, ainda que seja verdade que se tivesse que responder com um sim certo ou um não claro, como dizem os nossos irmãos badios, sendo certo que estou disponível em termos de não ter quaisquer compromissos que me impeçam, sem dúvida que a resposta seria um não claro, sabe, neste momento ainda não estou a ver-me a viver de novo em Cabo Verde, como dizem os